OS LIMITES DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ANDREIA CRISTINA DA SILVA OLIVEIRA

Esse artigo pretende buscar reflexões a respeito dos limites da criança na educação infantil; Disciplina e limites devem ser ensinados à criança desde o berço. Nas descobertas do dia-a-dia deve ficar bem claro para as crianças que nem tudo é permitido, assim eles aprendem a lidar melhor com as frustrações da vida adulta. O grande problema é que a maioria das mães se sente culpada por dizer "não" aos filhos. As mães que foram criadas com certa rigidez acham que devem deixá-los fazer o que bem entendem. Quando trabalham fora de casa, querem compensar o tempo que passam longe das crianças e acabam perdendo o controle. Os educadores não têm o mesmo envolvimento que as mães e sabem que impor limites é educar e preparar as crianças para a vida. Os professores enxergam as dificuldades que os jovens encontram porque foram protegidos demais pelos pais. Isso são reflexos de uma educação na qual tudo é permitido. Além de ordens dadas com rigor, é válido orientar a criança através de conversas ou histórias que exemplificam situações do cotidiano. O que não funciona é usar o medo e fazer chantagens. Impor limites não gera traumas, pelo contrário, prepara a criança para que ela se torne um adulto equilibrado e independente.

Palavras-chave: Controle. Frustrações. Rigidez.

INTRODUÇÃO

A palavra criança é entendida como falta de idade, maturidade ou de adequada integração social. Portanto essa definição está longe de ser apenas o fator da idade, pois está associada a determinados papéis e desempenhos específicos e esses papéis dependem estreitamente da classe social que a criança é inserida.

Sua participação no processo produtivo, o tempo de escolarização, o processo de socialização no interior da família e da comunidade, as atividades cotidianas se diferenciam dependendo da posição da criança e de sua família na estrutura socioeconômica. Se essa inserção social é diferente, fica impróprio ou inadequado supor a existência de uma população infantil homogênea, ao invés de se perceber diferentes populações infantis com processos desiguais de socialização.

Se adotarmos uma concepção abstrata da infância, está analisando a criança como "natureza infantil", distanciando de suas condições objetivas de vida e como se estas fossem desvinculadas das relações de produção existente na realidade. Entender a criança em relação ao contexto social e não como natureza infantil, constitui o princípio central desta definição. No sentido de fundamentar esse referencial, desenvolve-se aqui três linhas básicas de reflexão, segundo Sonia Kramer (1987, p.39):

- A primeira tem o objetivo de apontar como o sentimento e a valorização atribuídos à infância nem sempre existiram da forma como atualmente são conhecidos e defendidos, tendo sido determinados a partir de modificações econômicas e política da estrutura social.
- A segunda trata especificamente da ideia de infância no pensamento pedagógico, mostrando o significado tanto da pedagogia "tradicional" quanto a "nova". O objetivo é mostrar como essas concepções estão presente uma concepção de infância baseada na natureza infantil.
- A terceira apresenta um estudo sobre a abordagem da privação cultural, base teórica da educação compensatória.

Sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças, correspondendo à consciência da particularidade infantil, ou seja, aquilo que distingue a criança do adulto e faz com que a criança seja considerada como um adulto em potencial, dotada de capacidade de desenvolvimento.

É bom esclarecer que não é a família que é nova, mas o sentimento de família que surge no momento, inseparável do sentimento de infância. O reduto familiar, torna-se então cada vez mais privado e esta instituição vai assumindo funções antes destinadas para a comunidade.

A concepção atual de infância, segundo Sonia Kramer (1987) é que o sentimento de infância resulta numa dupla atitude com relação à criança: preservá-la da corrupção do meio, mantendo sua inocência e fortalecê-la, desenvolvendo seu caráter e sua razão. As noções de inocência e de razão não se opõem, elas são elementos básicos que fundamentam o conceito de criança como essência ou natureza.

A ideia de infância não existiu sempre e da mesma forma. Ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que muda a inserção e o papel social desempenhado pela criança na comunidade. Este conceito de infância é determinado pela modificação das formas de organização da sociedade.

Esta forma de organização instituiu diferentes classes sociais no interior das quais o papel da criança é diferente. A ideia de uma infância universal foi divulgada pelas classes dominantes baseada no seu modelo padrão de criança, a partir dos critérios de idade e de dependência do adulto, característicos de

um tipo específico de papel social por ela assumido no interior dessas classes.

O CONCEITO DE INFÂNCIA NA PEDAGOGIA

A Pedagogia elabora uma representação básica da infância a partir das noções pedagógicas de natureza e de cultura que assumem um caráter temporal. Como a infância precede a idade adulta, o fator tempo é introduzido no conceito de infância. Por um lado, o desenvolvimento fisiológico da criança provoca uma certa confusão entre natureza humana e natureza no sentido biológico, ao mesmo tempo o aspecto temporal confunde a infância como origem individual do homem, com a origem da humanidade: a infância corresponde ao estágio originário da humanidade como a mesma expressa os traços essenciais da natureza humana.

Essa ideia de infância está atribuída de significados ideológicos, não só a nível da relação da criança com o adulto, mas também a nível das relações da criança com a sociedade.

Segundo Sonia Kramer, no primeiro nível, o adulto estabelece uma imagem de criança como um ser fraco e incompleto, atribuindo essas características à

"natureza infantil". Porém essa ideia de natureza dissimula as relações da criança com o adulto a medida em que o mesmo exerce sobre a criança uma autoridade constante que é social e não natural, e que reproduz as formas de autoridade de uma determinada sociedade.

Quanto ao segundo nível, a criança é considerada como um ser que não é ainda social, desempenhando apenas um papel marginal nas relações sociais, tanto em relação à produção dos bens materiais, quanto em relação à participação nas decisões. Desta forma, o desenvolvimento cultural da possibilidade naturais da criança, ao invés de socialmente determinado e condicionado por sua origem social. Fica dissimulada a rejeição social e econômica que a criança sofre, e fica mascarado o papel efetivamente desempenhado no trabalho pelas crianças provenientes de classes sociais em que este trabalho é fundamental para a sua sobrevivência, dado as condições precárias d e vida, fruto das desigualdades existentes na estrutura da sociedade capitalista.

Tomando a pedagogia como tema de análise, percebe-se que nas duas opções (tradicional e nova) encontra-se a dupla concepção de infância.

Para a pedagogia tradicional, a natureza da criança é corrompida, a tarefa da educação é disciplinã-la e colocar regras, através de intervenção direta do adulto e da constante transmissão de modelos.

Para a pedagogia nova ou moderna, concebe a natureza da criança como inocência original, a educação deve proteger o natural infantil, preservando a criança da corrupção da sociedade e salvando sua pureza. A educação não se baseia na autoridade do adulto, mas na liberdade da criança e na expressão de sua espontaneidade. A concepção de infância elaborada pela pedagogia nova torna possível o surgimento de uma psicologia científica da criança e de um método genético a partir do qual a criança deve ser compreendida em função de seu passado individual.

Ambas as perspectivas tratam a criança como um ser abstrato camuflando o significado social da infância, que se esconde de argumentos filosóficos e psicológicos.

A ORGANIZAÇÃO NA SALA DE AULA

O ambiente da sala de aula pode se transformar num espaço acolhedor e estimulante, com um pouco de imaginação e criatividade de todos. Numa oficina de trabalho, os instrumentos que podem auxiliar as atividades estão à mão de todos, numa disposição sugestiva e funcional. No arranjo da sala, paredes, janelas, portas e armários podem ser aproveitados. Varais com prendedores e móbiles são opções interessantes como também:

- um poema lido pelo professor e apreciado pelos alunos;
- roteiros de procedimentos para investigação de fenômenos;
- bons modelos de histórias escritas pelos alunos;
- palavras que apresentam dificuldades de ortografia.

Sempre que possível, é interessante que o professor planeje a organização e disposição dos materiais junto com os alunos, esta parceria tem muitas vantagens: - os alunos têm oportunidade de conhecer todo o material que poderão utilizar;

- podem ser estabelecidas regras para o uso e a guarda dos materiais, de modo que os alunos se sintam responsáveis por eles;
- em caso de necessidade, todos saberão onde encontrar os materiais, podendo utilizá-los de forma independente.

Propiciar um ambiente favorável às interações não significa, que os alunos devam estar reunidos em duplas ou em grupos todo o tempo. O importante é que eles se sintam livres para movimentar na sala, sentando ao lado de colegas para receber ou oferecer ajuda na realização das tarefas.

Os cantos da sala podem ser utilizados

para realizar trabalhos específicos nas diferentes áreas do currículo. Quando utilizados adequadamente, contribuem para desenvolver a autonomia dos alunos, constituindo-se em solução para o que fazer com aqueles que não estão sendo atendidos pelo professor.

Conforme o professor for adquirindo maior experiência e facilidade para aproveitar os recursos materiais e humanos da sala de aula e da escola, vão descobrir novas possibilidades de organizar o tempo, o espaço e os trabalhos com os alunos, de modo a favorecer o processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Cada educador, de acordo com o projeto da escola em que está inserido, com as especificidades de seu grupo-classe, encontrará os caminhos possíveis e mais adequados para desenvolver um trabalho em que o objetivo seja o compromisso com todos os alunos, para que permaneçam na escola, aprendam e progridam em seu percurso de conhecer o mundo.

A RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA

As duas instituições têm um significado em comum que é a preparação dos membros jovens para sua inserção futura na sociedade e para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social. Ambas desempenham um papel importante na formação do indivíduo e do futuro cidadão.

Essas instituições são os primeiros "espelhos" nos quais nos vemos e descobrimos como sendo bonitos ou feios, inteligente ou burros, bons para matemática ou bons para nada, simpáticos ou desengonçados, com futuro ou sem futuro. São elas, os primeiros "mundos" em que habitamos, podendo nos aparecer como acolhedores, com tais e tais regras, costumes e linguagens. Ensinam desde o que é homem e o que é mulher até como devemos expressar os sentimentos. Aprendemos o que é belo e o que é feio, o que tem graça e o que não tem.

Aprendemos posturas, jeitos de olhar entre outros.

A escola tem uma especificidade, a obrigação de ensinar conteúdos específicos de áreas do saber, escolhidos como sendo fundamentais para a instrução de novas gerações. Agora, professora nenhuma tem de dar "carinho maternal" para seus alunos. Amor, respeito, confiança sim, como professora e membro adulto da sociedade.

As famílias têm de dar acolhimento a seus filhos: um ambiente estável, provedor e amoroso. Muitas, infelizmente, não conseguem. Por questões econômicas, a miséria é cruel. Outras vezes por questões pessoais. Relacionamento com filhos e de casal não é coisa assim tão fácil para muitas pessoas.

Na possibilidade positiva, as escolas podem criar um ambiente que venha a constituir-se num "espelho" e num "mundo" para as crianças, ajudando-as a caminhar para fora de um ambiente familiar adverso e criando uma rede de relações, fora das famílias de origem, que lhes possibilite uma vida digna, com relações humanas estáveis e amorosas.

A autora Heloísa Szymansky (2001) mostra algumas sugestões e cuidados quando se trabalha com famílias:

- É desejável que aqueles que pretendem trabalhar com famílias façam uma reflexão crítica a respeito das próprias experiências com sua família e procure conhecer valores, crenças e mitos que foram se desenvolvendo a respeito do que é família;

- Procurar compreender a problemática apresentada e evitar julgamentos baseados em preconceitos científicos, moralistas ou pessoais;

- O saber acumulado na área de estudos da família é útil na compreensão da problemática apresentada e no campo de possibilidades de ação, mas as escolhas de condutas estão no âmbito da própria família;

- As pessoas da família e as que coordenam os trabalhos estão numa relação dialógica, em que todos têm a possibilidade de expor-se à mudança no processo de compreender o que está acontecendo;

- Para quem coordena os trabalhos: a atualização e a utilização de conhecimentos técnicos da área é tão importante quanto o estado de alerta para a própria forma de atuação na família;

- Para o grupo participante, o conhecimento de seu desenvolvimento no decorrer dos trabalhos possibilita uma visão do processo, um plano de ação, uma perspectiva futura e a percepção da sua própria responsabilidade na escolha das alternativas.

Portanto, aquelas pessoas que trabalham com famílias, tem de criar uma condição de diálogo e participação, essenciais para a proposição de mudanças. A família precisa ter atitudes para criar um clima de respeito, que deverá começar nos encontros com os orientadores, onde ideias serão consideradas e respeitadas.

Existem muitos fatores a serem levados em consideração da relação família/escola. A principal é que a ação educativa dos pais difere da escola, nos seus objetivos, conteúdos, métodos, no padrão de sentimentos e emoções que estão em jogo, na natureza dos laços pessoais entre os protagonistas e nas circunstâncias em que ocorrem.

Outro fator a ser considerado refere-se as estratégias de socialização familiar: se forem complementares ou não às da escola, e isto depende muito da classe social a que

a família pertence. As famílias podem desenvolver práticas que venham a facilitar a aprendizagem escolar e desenvolver hábitos coerentes com os exigidos pela escola.

Além de estratégias de socialização, as famílias diferem uma das outras quanto a modelos educativos. O contato com a escola é fundamental para a criação de um universo comum para a especificação de responsabilidades da família e da escola e para a capacitação de ambas para um bom desenvolvimento do projeto educativo para as crianças.

É notável uma confusão quanto a quem cabe a educação das crianças e quais aspectos são específicos de cada instituição. Algumas professoras queixamse de que as famílias delegam a elas toda a educação dos filhos e as mesmas sentem-se sobrecarregadas e mesmo incapazes de realizar tal tarefa. Algumas vezes, as famílias sentem-se desautorizadas pela professora, que toma para si tarefas que são da competência da família.

Logo, uma condição importante nas relações entre família e escola é a criação de um clima de respeito mútuo, favorecendo sentimentos de confiança e competência, tendo claramente delimitados os âmbitos de atuação de cada uma. Acredito que equipes multidisciplinares possam colaborar para a construção de um conhecimento. A intermediação da comunidade, com a participação de seus representantes, também abre perspectivas de uma parceria, na qual a troca de saberes substitua a imposição e o respeito mútuo possa fazer emergir novos modelos educativos, abertos à continua mudança.

COMO LIDAR COM OS LIMITES

Pais e educadores vivem uma grande dúvida para entenderem como impedir as crianças de realizarem todas as vontades. Para conseguirmos cegar a algum resultado é preciso refletir!

É necessário dizer que limites e regras devem ser respeitados e elas existem porque não existimos sem o outro, não estamos sozinhos no mundo o que, portanto, nos impossibilita de agir em busca apenas da satisfação do nosso próprio prazer, de nossas vontades e desejos. A criança nasce num contexto social: a família. E para se viver bem, os limites são imprescindíveis (Içami Tiba, 1995).

A maioria das crianças, ainda no século passado, foram educados pelos seus pais e pela escola num contexto onde as crianças pouco falavam e obedeciam aos adultos que eram detentores do saber e de todas as regras da moralidade. Caso desobedecessem a uma ordem eram punidos com castigos e algumas vezes, com agressão física.

Os pais querem ver seus filhos contentes e muitas vezes dizer não é um sofrimento. É fundamental ter clareza que dizer não, na verdade, é um ato de amor. Educar com amor não é fazer todas as vontades dos filhos, mas prepará-lo para viver em sociedade. Se os pais não disserem não, a sociedade dirá, e os filhos diante desta negativa talvez se surpreendam e não saibam como lidar com as contrariedades e frustrações que ocorrem. Desta forma, não trabalhar limites é muito mais prova de descompromisso em relação à educação dos filhos do que prova de amor.

De acordo com Tania Zagury (1998), parece haver um receio dos educadores e dos professores em trabalhar os limites. Isto talvez ocorra pelo fato dos adultos não desejarem agir de forma autoritária sem antes levar em consideração o ponto de vista da criança.

Os educadores com influência da escola nova e a preocupação em compreender as formas que o indivíduo aprende, bem como a valorização da infância, passaram a respeitar os alunos naquilo que eles dizem, pensam e fazem o que trouxe um ganho significativo no desenvolvimento de pessoas mais críticas, reflexivas e criativas. Porém é fundamental estarmos atentos para que a criança não se torne a autoritária na relação professor-aluno.

Uma estratégia observada na relação pais e filhos e professores e alunos para trabalhar os limites é que muitas vezes os adultos demonstram e dizem que estão tristes frente ao não cumprimento das regras. Por um lado, isto é bom, afinal mostra para a criança que não cumprir regras pode causar dor ao outro. Porém, o apelo sentimental perante a não observância das regras pode se transformar em chantagem emocional que ocasiona culpa à criança e consequências ruins para o equilíbrio afetivo.

Quando pais e professores dizem não a uma criança este deve ser firme ou então será traduzido pela criança como um sim disfarçado, um convite para a criança continuar a agir de forma errada. Porém o adulto só terá firmeza em negar algo se tiver certeza do porque está agindo assim.

Se a criança pequena, em contato com o adulto, acredita que todas suas vontades podem ser satisfeitas, ela não conseguirá viver em grupo, ajudar e ser ajudada. Será levada a acreditar que todos, sem restrição, são responsáveis por realizar seus desejos. Se todas as crianças forem educadas assim nossa sociedade se transformará numa concorrência de egoísmos.

Princípios éticos são fundamentais para reger a vida na esfera coletiva. Os princípios estão ligados muito mais às ações do que aos sentimentos. É impossível que todos se amem da mesma forma, ou na mesma intensidade e isto também se refere à amizade. Sentimos afeição diferente em relação a diversas pessoas. Afinal, somos seres huma-

nos.

Mas nós adultos temos mais facilidade em vestir máscaras para encobrir os sentimentos que afloram. O limite aos sentimentos é uma escolha que as crianças ainda não administram bem, afinal elas são sinceras na maioria das vezes. Mas devemos mascarar os sentimentos para viver bem com o outro? Na verdade, esconder os sentimentos ruins como a inveja ou o ciúme produz boas relações sociais, porém trabalhar os sentimentos e colocar limites neles é bom para o equilíbrio emocional.

Atualmente, por exemplo, os meios de comunicação valorizam que tudo seja mostrado e dito sobre a vida pessoal de artistas e também não famosos num verdadeiro ato de exibicionismo. Muitas crianças sentem-se encorajadas a fazer o mesmo.

O limite entre o que é público e privado é importante para preservar a vida pessoal de cada um. Antigamente as pessoas vestiam máscaras sociais, tinham condutas de acordo com o que a sociedade esperava, eram esculpidos comportamentos e personalidades para a aceitação pessoal. Hoje, através da mídia as pessoas fazem questão de que suas vidas pessoais sejam expostas. As biografias que antes apresentavam riqueza do contexto social e histórico no qual a pessoa tinha vivido, hoje traduzem na mais absoluta dissecação da vida privada sobre a intimidade da infância, da adolescência, os amores, casamentos, sentimentos etc.

Proteger a intimidade significa voltar-se para si, não é um ato de egoísmo, mas sim uma necessidade inerente ao ser humano para conhecer a si próprio, para se proteger e para respeitar-se. Neste sentido, o segredo da educação infantil constitui-se essencial para o seu desenvolvimento psicológico saudável.

Por que seria tão necessário a criança proteger a sua intimidade? A visão da intimidade se constrói à medida que a criança tem a consciência de si e a partir disso é percebida por outras pessoas. Isto implica em algumas observações: se a criança sabe que é notada ela passa a ter a opção de mostrar habilidades ou características que não devem ser forçadas pelo adulto a todo o momento e, o mais importante, sendo notada ela passa a ter o sentimento de vergonha.

A intimidade preserva o valor do próprio eu. Portanto, revelar a intimidade, expor a privacidade significa estar sempre submetido ao julgamento alheio o que pode comprometer a confiança em si próprio, o valor pessoal e a auto -estima.

Logo, os limites são imprescindíveis para o viver bem consigo mesmo e com os outros na esfera social.

A educação é o maior e o mais difícil problema que pode ser atribuído ao homem, pois o juízo depende da educação e a educação do juízo, ou seja a capacidade do homem de julgar, comparar, criticar, ser sensato, se desenvolver através da educação. E, a educação, só se transforma, se aprimora para o próprio aperfeiçoamento do homem através do juízo.

A educação é fundamental para o homem à medida que o ser humano é o único ser que é educado (condição humana, sem isto não existiríamos de geração em geração) e que precisa ser educado para desenvolver a sua humanidade e a criticidade. Ser homem é ser crítico, é ter certeza acerca dos conflitos que enfrenta ou que vai enfrentar no decorrer da vida. O homem é aquilo que a educação faz dele. O ser humano não nasce pronto, ele se constitui, se humaniza, se aperfeiçoa.

O homem tem necessidade de cuidados e de formação (disciplina e instrução) e ele não pode tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação. A educação deve desenvolver no homem as suas disposições naturais, capacidades e qualidades.

A disciplina doma a selvageria do homem, e deve ser aplicada à criança desde pequena para que não prejudique a formação do caráter. A criança deve ter noções de limite e não é interessante que ela seja superprotegida, pois mais tarde terá de enfrentar sozinha os obstáculos que surgirão no decorrer de sua vida.

O homem culto é aquele que possui a habilidade de acumular conhecimentos. Mas o principal é que o homem tenha valores morais, que conduza a sua vida pensando no bem de todos.

O desejável para a espécie humana é o desenvolvimento das disposições do homem para o bem, enfim o aperfeiçoamento humano – tornando-se melhor do que se é, superando-se são questões que devem se constituir como objetivo da educação, como uma meta necessária que deve ser alcançada: "o melhor pelo melhor em função do melhor", ou seja, a melhor educação (em relação à disciplina, moral e melhor produção intelectual da humanidade) pelos melhores educadores, que estão mais aptos em propiciar que o homem alcance o seu destino, para que aqueles seres sensíveis que terão suas disposições naturais e virtudes desenvolvidas.

Nós educadores não devemos idealizar que sempre seremos capazes de suscitar o interesse de todos os alunos. Afinal o interesse é algo subjetivo. Algumas crianças gostam mais de matemática, outras de ciências e outras estudam só porque querem agradar aos pais ou quando o conteúdo tem relação com o seu cotidiano. Deste último exemplo devemos observar que, na maioria das vezes, o prazer é futuro diante de um esforço empreendido no presente, o que vai contra

aquilo que estamos acostumadas a ser em nossa sociedade de consumo: prazer imediato de comer, comprar etc.

Segundo De La Taille (1998) práticas que levam em consideração apenas às hipóteses dos alunos reforçam o egocentrismo, impossibilitam a compreensão profunda de conhecimentos científicos e conceitos e levam o indivíduo a acreditar que é o centro do mundo, o que na nossa opinião impede o sentimento de pertencer ao coletivo, considerar-se na posição do outro ou apenas ouvir um ponto de vista alheio fundamental para relações de respeito.

Considerando ainda a ideia de De La Taille (1998) sobre a necessidade de transpor limites, é importante chamar a atenção para a superação de limites no âmbito individual. A maioria das pessoas, ainda que tenha chegado na maturidade, na fase adulta, pode superar-se em muitos aspectos, afinal sempre nos aperfeiçoamos. Ser humilde permite ao ser humano reconhecer que não é perfeito e isto está relacionado à auto - estima, ao valor que fazemos de nós mesmos, algo construído desde a infância. Desta forma, se uma criança só recebe elogios, pois tudo que realiza é perfeito, ela poderá sofrer problemas mais tarde. Algumas conseqüências ocorrerão: a sociedade funciona como espelho confirmando ou não certas hipóteses que temos a nosso respeito. Diante disso o indivíduo que se julga perfeito será frustrado e sua auto - estima de "cristal" partirá. Além disso, sendo perfeito não terá nada a aperfeiçoar em relação às suas capacidades, habilidades entre outras.

La Taille (1998) acredita que a educação tradicional tem o objetivo de levar a criança a vencer desafios e obstáculos, mas considera que a educação significativa deve levar em consideração o respeito da criança que é capaz de refletir tendo nos adultos seus pares para auxílio nas reflexões sobre a moral. Por isso acredita que os limites vãos além da proibição, o limite deve ser transposto.

Por isso após muitas análises feitas acredito sim que o limite deve ser imposto a criança de uma forma natural e que a criança pode e deve entender o motivo do limite e sempre que isso se torne frustrante para a criança, devemos tentar mostrar o porquê do limite e se isso não for entendido por ela, deixar que a mesma extravase da maneira mais adequada que seus pais permitirem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de limites é extremamente um assunto delicado, pois envolve não só a história da criança, mas a história de seus pais, ou melhor dizendo da sua família.

Com este trabalho tentou-se abordar os temas mais pertinentes e que possam esclarecer algumas dúvidas que permeiam a educação de crianças pequenas para que assim alguns pais possam encontrar subsídios ou alternativas para que a educação das crianças ocorra da forma mais natural possível.

Por fim, educar é sim uma tarefa muito difícil mas se você souber lidar com os problemas do dia-a-dia, essa construção vai ocorrer da forma mais natural possível, e os limites tão temidos no começo vão ser apenas detalhes da vida da criança e de seus pais também. Afinal limites toda as crianças precisam ter, o que devemos aprender é a forma e o jeito que isto deverá ser passado a elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GESELL, Arnold. A criança dos 0 aos 5 anos. São Paulo, 1997.

GUHL, Beverly; FONTENELLE, Don H. Pais perfeitos. Blumenau: Editora Eko, 1997.

KRAMER, Sonia. A política do pré-escolar no Brasil – a arte do disfarce. Rio de Janeiro: Editora Dois Pontos, 1987.

SZYMANSKI, Heloísa. A relação família/ escola – Desafios e perspectivas.

Brasília: Editora Plano, 2001.

TIBA, Içami. Anjos caídos. São Paulo: Editora Gente, 2002.

_____. Quem ama educa! São Paulo: Editora Gente, 2002.

WADSWORTH, Barry J. Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget.

São Paulo: Editora Pioneira, 2001.

ZAGURY, Tania. Como ensinar: um desafio. Editora Raízes e Asas.

_____. Ensinar e aprender. Editora Raízes e Asas.

_____. Limites sem trauma construindo cidadãos. Rio de Janeiro:

Editora Record, 2003.

_____. A organização na sala de aula. Editora Raízes e Asas.